



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**CAROLINA DEMARTINI DE ALBUQUERQUE**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-387

**Entrevistada:** Carolina Demartini de Albuquerque

**Nascimento:** 25/07/1977

**Local da entrevista:** Porto Alegre/São Paulo (por skype)

**Entrevistadora:** Natália Bender

**Data da entrevista:** 19/02/2014

**Transcrição:** Bruna Tomaschwski Perla

**Copidesque:** Suélen de Souza Andres e Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 15 minutos e 32 segundos.

**Páginas Digitadas:** 7

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

O começo no esporte; Influências; Visão sobre o voleibol no Rio Grande do Sul; Dificuldades do esporte; Instituição que apoiou; Destaques na carreira esportiva; A trajetória até os Jogos Olímpicos; Experiência nos Jogos Olímpicos; Lidar com o perder; Lembranças dos Jogos Olímpicos; Sensação de ganhar os Jogos Olímpicos; Vida construída após os Jogos Olímpicos; Considerações sobre a pesquisa.

Porto Alegre, 27 de fevereiro de 2014. Entrevista com Carolina Demartini de Albuquerque a cargo da pesquisadora Natália Bender para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

N.B. – Olá Carolina, como foi a tua inserção no esporte? Você já iniciou no vôlei?

C.A. – Não. Na verdade eu comecei nadando no Grêmio Náutico União, nadava desde novinha, dos seis anos, aí quando eu estava com quase nove anos a minha mãe quis tirar da natação, mudou alguns horários e quis me colocar no vôlei. E foi assim que eu comecei, aos onze anos no União, comecei mini escolinha e fui gostando, fui começando no esporte estou hoje, com trinta e seis, mas na verdade eu comecei com natação e depois eu fui para o vôlei.

N.B. – Teve alguém que influenciou a tua carreira, algum parente, amigo, professor?

C.A. – Não, foi mais a minha mãe que colocou no vôlei por ela ter jogado, na época na escola, não tinha clube que eu gostava e me iniciou. Aí depois eu tive um técnico, do União, o Joãozinho<sup>1</sup>, que aí começamos desde mirim, mini, infantil, infante, pegamos a seleção gaúcha, até chegar à Seleção Brasileira nas categorias de base. Vim para São Paulo com dezesseis anos, aí comecei a fase adulta, são várias etapas.

N.B. – E como é que era a situação do vôlei aqui no Rio Grande do Sul na época que você iniciou?

C.A. – O vôlei no Rio Grande do Sul sempre teve uma base muito boa, quando você é nova, mas o adulto nunca teve um incentivo, então, quando eu começava nas categorias base até o juvenil, categoria mirim, infantil, infante e juvenil, aí quando chegava na juvenil, ou você vinha para São Paulo para os grandes clubes, centros de treinamento no Rio de Janeiro ou Minas Gerais, ou você parava para estudar ou trabalhar, porque aí no Rio

---

<sup>1</sup> Nome sujeito a confirmação.

Grande do Sul eles não incentivavam esporte adulto de alto nível, era mais as categorias de base, então eu tive que sair.

N.B. – E você teve dificuldades estando fora eixo Rio-São Paulo?

C.A. – É, a gente sentia mais quando ia jogar pelo Rio Grande do Sul, tu conhecia outras realidades, depois jogar pela Seleção Brasileira infante, na base e na juvenil que fui conhecer o pessoal do Rio, São Paulo, acostumado a jogar mais jogos, campeonatos mais fortes, isso no Rio Grande do Sul, mas isso aí depois quando eu vim morar aqui com dezesseis anos eu fui pegando, foi um choque, mas, depois, eu comecei a acostumar.

N.B. – Dentro da tua carreira teve relação com algum clube ou instituição que considera importante destacar?

C.A. – O Grêmio Náutico União é onde eu tive a minha base, onde eu comecei a jogar vôlei, eu gostei. Desde pequena, eu acho que é fundamental quando se é nova ter um fundamento, ter um técnico bom, eu tive dois técnicos, três na verdade, muito bons, o Joãozinho e a Cristiane<sup>2</sup> que esses caras são muito importantes, é como se ter um professor, um técnico na base que te ensine o movimento, cada detalhe, hoje em dia pegam muito mais pela altura do que pela técnica. Então o vôlei é mais na força do que na técnica, que antigamente era ao contrário, era mais na técnica do que altura.

N.B. – Quais momentos da sua vida esportiva você destacaria?

C.A. – Eu acho que o máximo foi a Olimpíada<sup>3</sup> em Pequim, a gente conquistou o ouro, depois o Campeonato Brasileiro<sup>4</sup> e a Super Liga, pelo Osasco<sup>5</sup>... Deixa ver o que mais,

---

<sup>2</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>3</sup> Jogos Olímpicos de Pequim em 2008.

<sup>4</sup> Copa Brasil.

<sup>5</sup> Osasco Voleibol Clube.

Vice-mundial<sup>6</sup>, em Winnipeg quando a gente ganhou o Pan-Americano<sup>7</sup>, depois teve o do Rio de Janeiro<sup>8</sup> que a gente teve no Brasil.

N.B. – Sobre as dificuldades, além de estar fora do eixo Rio-São Paulo, teve mais alguma? Como você é mulher, você percebeu alguma dificuldade em relação a tudo, teve alguma dificuldade que gostaria de mencionar?

C.A. – Bastante, mas dificuldade foi uma parada obscura do vôlei, eu fui morar em São Paulo, acostumada em casa tudo, mas o resto o vôlei, isso eu sempre tive uma estrutura muito boa, uma base boa, que foi muito bom, um clube que fornece tudo, então. Eu por ser mulher essas coisas não tive não, sendo que eu sempre fui paga e tudo, graças a Deus.

N.B. – É porque o vôlei já é um esporte que é mais feminino, digamos assim?

C.A. – Sim, com certeza, e agora a cada ano que passa fica melhor, os destaques ficam mais notados, você é reconhecida nas ruas, então, eu acho que o vôlei a cada ano que passa só melhora.

N.B. – E sobre o início da tua carreira, antes dos Jogos, tem alguma coisa que gostaria de destacar?

C.A. – Não, mais é superação todo dia, treinamento, acho que os Jogos Olímpicos com a consagração do ouro foi um trabalho de anos que a gente teve e o grupo que estou há quatro anos, mas teve os clubes também, é sacrifício, esse monte de coisa, mas que vale a pena, quando você alcança o resultado que você sonha.

N.B. – E agora sobre a ida aos Jogos, como foi a tua participação? Como você foi convocada?

---

<sup>6</sup> Referência à medalha de prata conquista no Campeonato Mundial de Voleibol Feminino realizado no Japão em 2006.

<sup>7</sup> Referência à medalha de ouro conquistada nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg em 1999.

C.A. – A gente ficou no grupo quatro anos trabalhando pelo ciclo olímpico. A cada quatro anos se renova o grupo e a gente ficou quatro anos trabalhando com praticamente quinze, dezesseis meninas, para irem doze. Então, Gran Prix, Mundial, Copa do Mundo, são todos testes ai para chegar à Olimpíada que é o objetivo maior e que tem que estar todo mundo super bem.

N.B. – Que experiências positivas você considera mais importante para compartilhar com a gente?

C.A. – Eu acho que da Olimpíada, a Vila Olímpica que eu fiquei foi de incrível, que eu guardo bastante é chegar à Vila Olímpica, de ver todos os atletas, os melhores atletas do mundo e de todos os esportes, de estar vendo todo mundo, eu acho que ganhando experiência, é muito legal, foi muito legal. No Pan-Americano também a mesma coisa, então, eu só tenho a agradecer ao vôlei a tantos lugares que me levou, que conheci para fora jogando, aqui no Brasil mesmo, as viagens entre os clubes em cada cidade, conheci um monte de lugar bacana. Então eu acho que é um horizonte que abre para a gente que está jogando, está viajando, conhecendo um monte de cultura, várias culturas.

N.B. – E teria alguma experiência negativa ou frustrante para nos contar sobre os Jogos?

C.A. – Não, eu acho que frustrante não. Acho que quando a gente perde, ninguém gosta de perder, mas a gente... Eu até perguntei para quem foi para as outras Olimpíadas, eu fui para uma só, o que eles estavam achando de Pequim. Na época eles falaram que eram uma das melhores, impecáveis, os chineses, deslocamento, o transporte para os estádios, para a Vila Olímpica, higiene, alimentação, então penso que foi uma Olimpíada impecável. Já para Londres agora eu não fui, mas eu estava conversando com as meninas, que realmente estava difícil o deslocamento, era uma dificuldade de trânsito, então, eu não tenho coisa negativa para falar da Olimpíada. No vôlei, lógico que quando a gente perde, eu acho que a gente aprende até mais ...

---

<sup>8</sup> Referência à medalha de prata conquistada nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro em

N.B. – E sobre o voleibol, quando você foi conversando com as pessoas, elas notaram que tinha uma estrutura, uma visibilidade diferente?

C.A. – Sim, falaram que cada Olimpíada é marcada por alguma coisa. A da China foi organização, que foi impecável; era perto a Vila Olímpica do estádio, já bem diferente de Londres que levava uma hora de ônibus para chegar aos estádios, era distante, o trânsito de Londres era bem diferente, então, a que eu fui me falaram que foi uma das melhores, de estrutura e de tudo, muito bom. Já agora essa de Londres era mais pelo trânsito, do tempo que levava do ginásio para a Vila Olímpica, tudo, deslocamento, então eu acho que foi isso que comentaram mais.

N.B. – E sobre a sua participação nos Jogos, tem mais alguma coisa que gostaria de compartilhar?

C.A. – Não, eu acho que foi só isso, o atleta que a gente conheceu da NBA<sup>9</sup>, foi muito legal, o Kobe Bryant<sup>10</sup>, os caras todos que a gente via na TV, quando a gente viu estavam tudo com a gente, tiramos várias fotos, eu acho que isso ai é muito legal para guardar.

N.B. – Bom, e na tua carreira Pós-Jogos, qual a repercussão da tua participação nos Jogos Olímpicos na tua carreira?

C.A. – Quando a gente ganhou a ficha não tinha caído, foi assim, primeiro voltando no avião, quando a gente estava chegando em território brasileiro. No ar mesmo, o piloto do avião deu os parabéns para a gente que tinha ganhado e que a gente estava sendo escoltados por dois caças da Força Aérea. Então todo mundo olhou para a janela do avião, até as pessoas que estavam viajando, os pilotos falavam com a gente. Foi muito legal, o reconhecimento, a gente de carro aberto por São Paulo. Parou São Paulo, quando você saía na rua era reconhecida, a minha mãe a gente ligava para ela de lá, a gente não saía da Vila, não tinha contato, a gente era proibido dar entrevista para jornalista, fazer coletiva de

---

2007.

<sup>9</sup> National Basketball Association.

<sup>10</sup> Kobe Bean Bryant.

imprensa, então, a gente não sabia como estava aqui no Brasil, cada vez que a gente jogava o Brasil parava, então foi muito legal, a gente ficou um pouco até assustada quando chegamos ao Brasil com a repercussão que tinha dado.

N.B. – Qual o significado para o vôlei do Rio Grande do Sul a tua participação?

C.A. – Eu acho que foi muito legal, porque são poucas atletas do Rio Grande do Sul que tem medalha olímpica, esportes coletivos e individuais, então eu acho que é sempre muito bom, somou bastante para o nosso Estado, principalmente para Porto Alegre.

N.B. – Já pensou em retornar ao Rio Grande do Sul para atuar profissionalmente?

C.A. – Não, porque o meu marido é de São Paulo, trabalha aqui, já montou negócio aqui. Meu filho estuda aqui, eu já estou bem enraizada aqui, na verdade eu gosto de ir bastante para ai, mas eu visito a minha família que é toda daí, mas para mim é difícil eu voltar para Porto Alegre agora profissionalmente, montar algum projeto, porque a minha vida está toda aqui, do meu marido, do meu filho, tudo.

N.B. – Sim. Então, pensando nos objetivos da nossa pesquisa que é analisar a participação gaúcha nos Jogos Olímpicos, gostaria de falar mais alguma coisa sobre esse tema que eu não perguntei?

C.A. – Não, eu acho que é mais isso, achei bem legal, principalmente que é com os gaúchos que você está fazendo, eu acho que é legal até para a gente ter uma ideia de quantos gaúchos participaram, tem medalhas de Jogos Olímpicos que a gente não sabe, eu pelo menos não sei.

N.B. – Sim. Bom então a gente agradece muito a tua contribuição para a nossa pesquisa, é muito importante, até porque a gente já entrevistou vários atletas homens e poucas

mulheres a gente entrevistou até agora, a gente já entrevistou o Gustavo Endres, o Paulão<sup>11</sup> do vôlei e hoje a gente vai entrevistar a Daiane dos Santos<sup>12</sup>, então é mais uma mulher.

C.A. – Legal é mais uma.

N.A. – É. E a gente também tem esse enfoque da participação das mulheres, porque um pouco a gente sabe, mas foram sessenta anos depois da primeira participação de um homem gaúcho, depois de sessenta anos a participação de uma mulher, foi a Heloísa Roese<sup>13</sup>, do vôlei também.

C.A. – A que legal eu não sabia disso daí [riso].

N.B. – Muito obrigada.

C.A. – Obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>11</sup> Paulo André Jukoski da Silva.

<sup>12</sup> Daiane Garcia dos Santos.

<sup>13</sup> Heloísa Helena Santos Roese.